

UTOPIAS CLIMÁTICAS: OBSERVATÓRIO DO CLIMA E ATO PELA TERRA

UTOPIÁS DEL CLIMA: OBSERVATÓRIO DO CLIMA Y ATO PELA TERRA

CLIMATE UTOPIAS: OBSERVATÓRIO DO CLIMA AND ATO PELA TERRA

Frederico SALMI¹

RESUMO: Este artigo utiliza a utopia crítica como método sociológico e suas categorias são organizadas em um novo quadro teórico metodológico de forma original em relação aos estudos sociais nos espaços de formulação de políticas climáticas no Brasil. Com o objetivo de revelar novas figuras e configurações utópicas, o recorte se limitou a analisar a coalizão de três esferas distintas: arte, religião e inteligência artificial a partir das práticas do Observatório do Clima e do Ato pela Terra. A metodologia inclui: revisão sistemática, análise de conteúdo e NodeXL Pro. Os resultados apresentam elementos utópicos emergentes como: intercoletivismo dogmático climático e antirresilientismo. A utopia crítica se mostra um subcampo promissor para estudos das Ciências Sociais para a compreensão das políticas de mudanças climáticas.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria social crítica. Utopia crítica. Políticas de mudanças climáticas. Observatório do Clima. Ato pela Terra.

RESUMEN: Este artículo utiliza la utopía crítica como método sociológico y sus categorías se organizan en un nuevo marco teórico metodológico de manera original en relación con los estudios sociales en las áreas de formulación de políticas climáticas en Brasil. Con el objetivo de desvelar nuevas figuras y configuraciones utópicas, el recorte se limitó a analizar la fusión de tres esferas distintas: el arte, la religión y la inteligencia artificial a partir de las prácticas del Observatorio del Clima y Ato pela Terra. La metodología incluye: revisión sistemática, análisis de contenido y NodeXL Pro. Los resultados presentan elementos utópicos emergentes como: el intercolectivismo dogmático climático y el antirresilientismo. La utopía crítica es un subcampo prometedor para los estudios de Ciencias Sociales para comprender las políticas de cambio climático.

PALABRAS CLAVE: Teoría social crítica. Utopía crítica. Políticas de cambio climático. Observatório do Clima. Ato pela Terra.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre – RS – Brasil. Pesquisador no Programa de Pós-Graduação de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Membro do Grupo de Pesquisas Tecnologia, Meio Ambiente e Sociedade (TEMAS). Mestre e Doutorando em Sociologia (UFRGS). ORCID <https://orcid.org/0000-0002-7043-2816>. E-mail: salmi.frederico@gmail.com



ABSTRACT: *This article uses critical utopia as a sociological method and its categories are organized in a new methodological theoretical framework in an original way in relation to social studies in the areas of climate policy formulation in Brazil. With the aim of revealing new utopian figures and configurations, the clipping was limited to analyzing the coalition of three distinct spheres: art, religion and artificial intelligence based on the practices of the Observatório do Clima (Climate Observatory) and the Ato pela Terra (Act for the Earth). The methodology includes: systematic review, content analysis and NodeXL Pro. The results present emerging utopian elements such as: climatic dogmatic intercollectivism and anti-resilientism. Critical utopia is a promising subfield for Social Science studies to understand climate change policies.*

KEYWORDS: *Critical theory. Utopia as method. Climate change policies. Observatório do Clima. Ato pela Terra.*

Introdução

Mais do que em qualquer outro momento da história, a humanidade enfrenta uma encruzilhada. Um caminho leva ao desespero e à desesperança absoluta. O outro, à extinção total. Oremos para que tenhamos a sabedoria de escolher corretamente. [...] Afinal, como é possível encontrar significado em um mundo finito? (ALLEN, 1979).

Este artigo se insere no tema das utopias climáticas na perspectiva sociológica. A utopia crítica como método sociológico (EL-OJEILI, 2018; 2020; LEVITAS, 2013; URRY, 2016; WRIGHT, 2010) é utilizada como quadro teórico metodológico. A questão em pauta é compreender quais figuras e configurações utópicas — além daquelas associadas à esfera racional científica humana — oriundas de outras sensibilidades (a saber: religião, arte e inteligência artificial) se encontram em coalizões nos espaços de formulação de políticas climáticas no Brasil.

Outra questão que se coloca é como estas configurações emergentes se relacionam com as narrativas das coalizões existentes e predominantemente dominantes (INTERNACIONAL CONVIVIALISTA, 2020) como as dos contramovimentos negacionistas climáticos (BRULLE, 2019). O objeto empírico são as práticas da coalizão Observatório do Clima (OC) no nexo do evento Ato pela Terra. O recorte deste trabalho está concentrado nas esferas da arte, da religião e da inteligência artificial (IA) e nas suas intersecções nos espaços de formulação de políticas climáticas² no Brasil.

² Aqui as políticas climáticas são entendidas em seu aspecto amplo, ou seja, não se limita às políticas públicas climáticas, mas abrange todo o espectro de políticas de mudanças climáticas fomentadas e formuladas por grupos dos mais diversos segmentos das sociedades do Brasil.



A originalidade está no fato de que não há estudos sobre as políticas das mudanças climáticas à luz da utopia crítica como método sociológico no Brasil. Este artigo é pautado pela lacuna que há no Brasil, onde há raros estudos com a abordagem da teoria crítica nos estudos sobre as mudanças climáticas (SALMI; FLEURY, 2022). Esta conclusão foi reforçada após uma revisão sistemática complementar na base *Web of Science* sobre utopia crítica no nexos das Ciências Sociais. A revisão resultou na ausência de estudos e pesquisas no Brasil nessa intersecção.

Caminho metodológico

Primeiramente foi realizada uma revisão sobre utopia crítica nas áreas das Ciências Sociais no Brasil dentro do tema das mudanças climáticas na base *Web of Science* a partir do método bibliométrico (SALMI; FLEURY, 2022) e posteriormente revisão sistemática no Brasil. A partir da ‘utopia como método sociológico’ (LEVITAS, 2013; URRY, 2016) não se identificou estudos sociais para o tema climático no Brasil.

O objeto empírico foram as práticas utópicas — entendidas aqui como falas, materiais e atitudes dos agentes coletivos realizadas em espaços físicos ou digitais em contextos politizados (EL-OJEILI, 2020) — observadas a partir do agente coletivo Observatório do Clima (OC) e suas publicações entre janeiro e maio de 2022 no nexos do evento-manifestação-movimento Ato pela Terra. Este último teve seu auge no dia 09 de março de 2022. A data de corte inicial para análise tem como critério a publicação do Documento Final do Sexto Relatório de Avaliação³ AR6 WGIII (IPCC, 2022a). O OC foi escolhido por ser uma das coalizões mais longevas — vinte anos — e reconhecida no Brasil dentro da temática climática. E o Ato pela Terra pela crítica ao denominado Pacote de Destruição (OC, 2022c)⁴ que foi apoiado e fomentado pelo OC.

Para a pesquisa empírica foi utilizada uma análise documental nos meios digitais (site do OC e plataformas Twitter e YouTube). O software NodeXL Pro foi utilizado para coleta e análise em dois momentos (no dia do Ato pela Terra e três meses após o evento).

Nas redes digitais a *hashtag* “#atopelaterra” foi rastreada entre o período de 01 de março e 30 de junho de 2022. Para a análise de redes sociais foi utilizado o método de redes da

³ Do inglês ‘*Sixth Assessment Report, Working Group III*’ (AR6 WGIII)

⁴ O ‘Pacote da Destruição’ é um conjunto de projetos de lei (PL) de conteúdo antiambiental, antissocial e anticlimático. Detalhes sobre os PLs disponível em: <https://www.oc.eco.br/wp-content/uploads/2022/03/Combo-da-morte.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2022.



sociologia digital (VINHAS; SAINZ; RECUERO, 2020). Para a extração de dados foram estabelecidos os critérios: *hashtag*: “#atopelaterra”; período: “01 de março de 2022 até 30 de junho de 2022”; tipo de rede: “amigos e seguidores”; “tweets < 18.000”; “seguidores < 1.000”.

A análise de rede na perspectiva latouriana foi utilizada para acompanhar as unidades analíticas selecionadas: componentes utópicos⁵ pautados pela utopia crítica (EL-OJEILI, 2018; LEVITAS, 2013; URRY, 2016; WRIGHT, 2010) das esferas da arte, IA e religião dinamizadas por esta coalizão-movimento (OC e Ato pela Terra). A análise de conteúdo (BARDIN, 2011) foi utilizada e a unidade analítica foi o componente utópico e seus desdobramentos interpretativos críticos com as categorias de constelação utópica e figurações utópicas (figura e configuração) (EL-OJEILI, 2018), os moldes utópicos (URRY, 2016), o *locus* utópico (SUVIN, 2012) e a noção de estratégia simbiótica transformativa da utopia realista (WRIGHT, 2010).

O encontro entre as distintas esferas da experiência

A noção de esfera da experiência humana aqui é entendida como a noção de esfera de valor ou esfera da realidade de Lukács (STAHL, 2018) que ao discernir os diferentes tipos de esferas da realidade, enquadra teórica e metodologicamente a arte dentro de uma esfera (da realidade direta) para analisar as implicações na subjetivação e formação ideológica dos indivíduos e grupos. A arte, a IA e a religião são expressões dessa esfera da experiência humana. Aqui é utilizada a tese de que a formação ideológica e utópica são processos igualitários, ao contrário do enquadramento teórico de Mannheim (EL-OJEILI, 2018).

Nesta esteira, a arte e a ciência são experiências da vida inter-relacionadas e operam como engrenagens ecogeopolíticas do real ao se apresentarem como espaços sociais que permitem o surgimento de novas possibilidades de pensar, diagnosticar, inventar e transformar (GUZZO; TADDEI, 2019). A intersecção entre arte e mudanças climáticas é recente e revela componentes do tipo ‘denúncia ao sistema dominante’ por meio de figuras neoliberais e neoextrativistas (FOWKES; FOWKES, 2022). Fenômeno similar se observa entre a religião na perspectiva inter-religiosa e a emergência climática. Esta intersecção revela configurações como o pluralismo inter-religioso climático (BERRY, 2019). Mas quando se trata da intersecção entre práticas interartísticas e inter-religiosas os estudos ainda são rarefeitos (JUNKER, 2022). Dentro da temática climática, tanto a arte quanto a religião passam a produzir

⁵ Os componentes utópicos são entendidos como elementos empíricos observáveis e estes quando agrupados são entendidos como práticas utópicas (EL-OJEILI, 2020).



essas práticas sociais de modo ativo nos espaços de formulações de políticas climáticas e em suas várias escalas.

A religião, também enquanto experiência de vida humana, tem seu entrelaçamento mais mobilizado com a ciência no contexto de uma emergência climática a nível planetário. A espiritualidade na perspectiva de outras cosmovisões como as dos povos originários passam a compor o último relatório do IPCC (2022b), abrindo assim uma intersecção entre as religiões — na ótica na inclusão de visões de mundos outras, o que reforça o argumento do pluralismo inter-religioso, não restrito das religiões adâmicas e orientais — e os cenários produzidos pelas tecnologias, em especial os simuladores operados pelas IAs e os diversos *big data* que são necessários para projetar cenários climáticos. Porém é apontado pelos próprios cientistas filiados aos grupos que compõem o IPCC que há uma dificuldade em inserir elementos sociais nos modelos sociais do Relatório Final dos ARs e SPMs⁶ (IPCC, 2022a; OTTO *et al.*, 2020).

Enquanto arte e religião remontam a tempos seculares, a inteligência artificial e principalmente seus efeitos morais e utópicos práticos são recentes. Tal recém-temporalidade das IAs geram disputas se as mesmas são agentes ou pacientes morais (sem agenciamento). Uma discussão se dá em relação ao tipo de agente social que uma IA é e como essa se configura nas relações sociais com humanos e não humanos, de modo ativo (consciente), semiativo (programado porém capaz de autodeterminação) ou passivo (sem agenciamento) (BENANTI, 2019; ELLIOTT, 2019).

Por fim, a simbiose estratégica (WRIGHT, 2010) entre arte, IA e religião no cenário climático, de alguma forma ainda nebulosa, parece criar formas de hibridização e ‘coalizões outras’ que tendem a fomentar ou fomentam novas utopias — novas ideologias — que as não dominantes. De qualquer modo, os entrelaçamentos entre agentes ativos (arte e religião) e semiativos⁷ (por exemplo, softwares de automação, emuladores climáticos, inteligência artificial) emergem nas práticas vividas entre estes sujeitos que passam a fomentar e modelar os imaginários ideológicos-utópicos das sociedades do século XXI. Diante da emergência climática, esses encontros geram novos espaços desafiadores para a convivência entre humanos e não humanos.

⁶Assessment Report (AR) e Summary for Policymakers (SPM) são termos oficiais utilizados pelo Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC) para publicação de seus documentos finais sobre mudanças climáticas. No Brasil, o IPCC é o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas.

⁷ ‘Semiativo’ aqui é entendido a partir da noção de agenciamento de não humanos na perspectiva da revolução digital do século XXI. Para uma discussão sobre o agenciamento de inteligências artificiais, ver Elliott (2019).



Resultados

O lócus utópico (SUVIN, 2012) de partida foram os grupos filiados às três esferas da experiência humana: arte, religião e inteligência artificial. A partir desse lócus em convergência (arte, religião e inteligência artificial) a coalizão Observatório do Clima (OC) pode ser entendida como um conjunto de ideias que fomenta uma identidade de grupo orientada por um horizonte compartilhado. O OC é à luz da utopia crítica uma constelação utópica a ser compreendida uma vez que ela agrega distintas organizações (empresas, academias, fundações, agências multilaterais, organizações do terceiro setor) e uma diversidade de quadros ideológicos-utópicos de seus membros-associados de modo relativamente estável na linha do tempo.

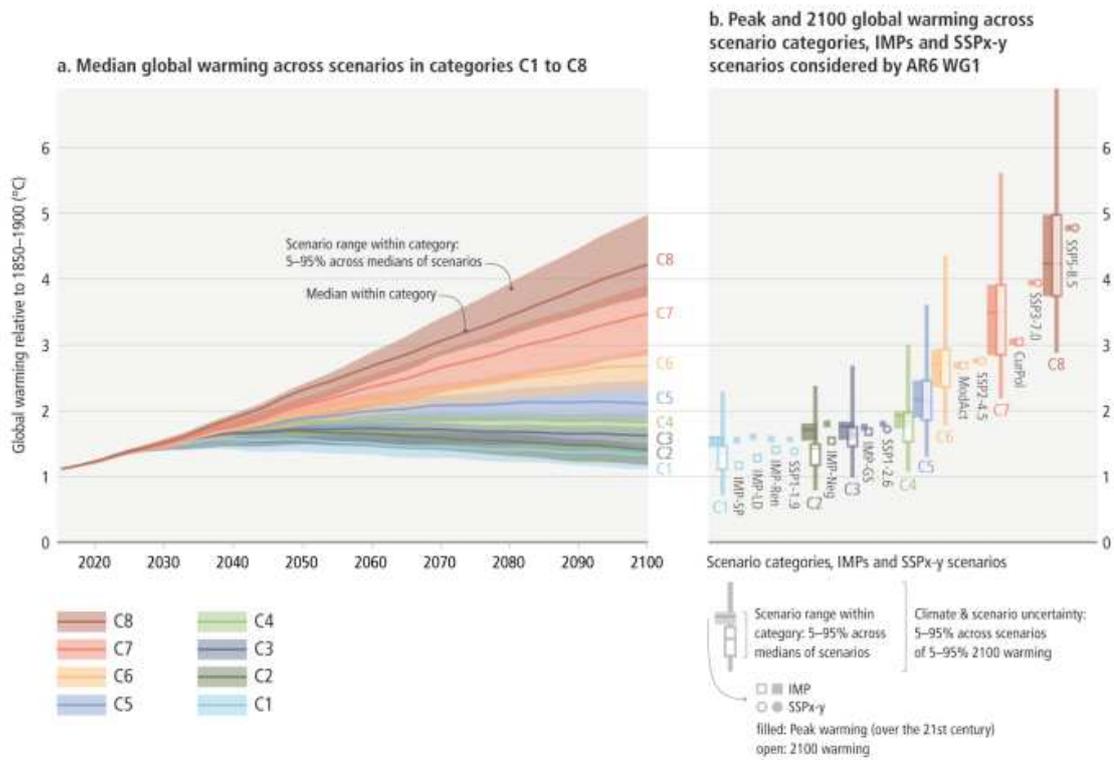
A pesquisa no site oficial do OC (2022d) revelou nove documentos. Destaca-se: “Carta de artistas e sociedade civil a Rodrigo Pacheco” de 09 de março de 2022, “Ato pela Terra – convocatória dos movimentos” de 07 de março de 2022, “21 recados fundamentais do novo relatório do IPCC” de 04 de abril de 2022 e “Brasil 2045: Construindo uma potência ambiental — vol. 1 Propostas para a Política Ambiental Brasileira em 2023–2024” de 19 de maio de 2022. Os documentos podem ser agrupados sob os temas da governança climática, ativismo/denúncia climática e horizonte utópico (por exemplo, Brasil 2045).

Na figura 1 pode ser observado um exemplo de uma arte gráfica do Sumário Executivo do AR6 WGIII, o SPM 2022 (IPCC, 2022b), que é parte integrante do conteúdo de análise pelo próprio OC. Esse tipo de conteúdo revela o nexo direto entre IA e arte gráfica.



Figura 1 – Arte gráfica com cenários produzidos pelas IAs no SPM AR6 WGIII

The range of assessed scenarios results in a range of 21st century projected global warming.



Fonte: IPCC (2022b, p. 29)

Além dos documentos sobre os relatórios do IPCC produzidos pelo OC, há também dois documentos específicos sobre o Ato pela Terra. Segundo o Observatório do Clima, o Ato pela Terra contou com cerca de quinze mil pessoas no dia 09 de março de 2022, data do evento-crítica. O Ato pela Terra foi formalmente estruturado e apoiado por mais de 230 organizações. Além dos coletivos artísticos se observa a presença de coletivos de povos originários (por exemplo, Articulação dos Povos Indígenas do Brasil – APIB) e de coletivas inter-religiosos (por exemplo, Iniciativa das Religiões Unidas – URI).

Previamente ao evento Ato pela Terra, diversos parceiros da coalizão OC produziram materiais gráficos com objetivo de alcançar uma conexão mais rápida e global entre artistas e leitores/leitoras (figura 2).

Figura 2 – Artes gráficas pré-evento Ato pela Terra



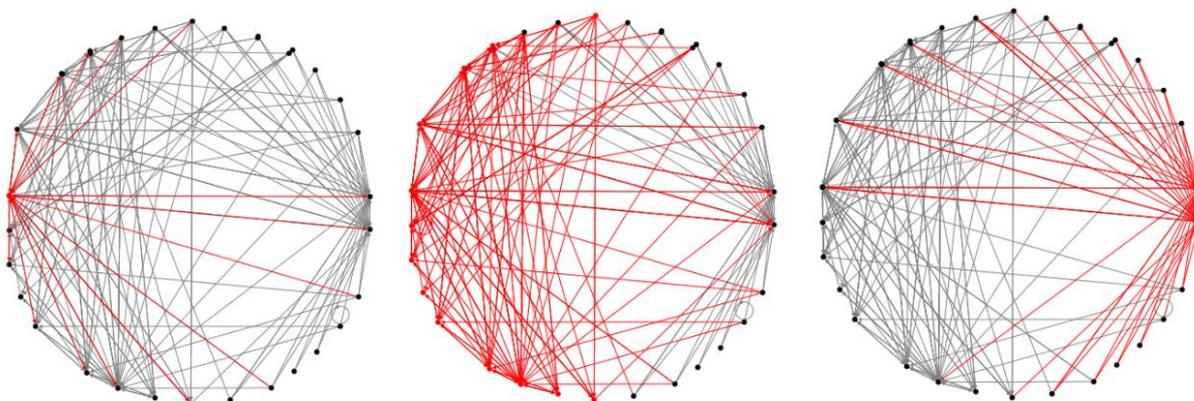
Fonte: Compilação de autoria própria⁸

Já pode ser observada uma tradução pela esfera artística do conteúdo da figura 1, de característica tecnicista (restrito ao campo científico) para o conteúdo da figura 2, de característica propagandista (ampliada para as diferentes camadas sociais físicas e digitais).

No Twitter a coleta se concentrou nas postagens sobre a coalizão-movimento Ato pela Terra por meio da *hashtag* “#atopelaterra” no período entre março e junho de 2022 (figura 3).

⁸ Artes gráficas do site da Yellow. Disponível em <https://www.yellowmagbrasil.com/post/ato-pela-terra-caetano-veloso-e-convidados>. Acesso em: 01 jun. 2022.

Figura 3 – Rede de comunicação entre contas (Twitter) no nexa #atopelaterra (março-junho 2022)



Legenda: Em vermelho a(s) conta(s) em destaque como vértice principal na rede. À esquerda: Observatório do Clima (OC). Ao centro: Membros e parceiros da coalizão OC para o Ato pela Terra. E à direita: Senado Federal e Rodrigo Pacheco.

Fonte: Base de dados do autor

A rede de relacionamento entre as contas de Twitter apresenta a capacidade de contato a partir somente da conta do Observatório do Clima (figura 3, à esquerda), a capilarização dos contatos a partir das contas dos membros do OC e parceiros do movimento Ato pela Terra (por exemplo, Bela Gil, Laboratório Fantasma, Maria Gadú, Mídia Ninja) — (figura 3, centro) e as contas de destino das postagens, Senado Federal e de Rodrigo Pacheco (figura 3, à direita).

Na base do Twitter as postagens estão conectadas e concentradas em si no dia 09 de março de 2022, dia do evento-festa do Ato da Terra. Foram identificados no dia 09 de março de 2022 postagens com vídeos de mais de 50.000 visualizações (tabela 1) liderados pelos artistas que convocaram o Ato.

Tabela 1 — Postagens com #atopelaterra acima de 50 mil visualizações no Twitter

Nome e conta Twitter	Postagem	Views no Twitter (mil)	Figuras utópicas
Mídia Ninja, @MídiaNINJA	Emocionante @emicida levantando uma multidão agora em Brasília no #AtoPelaTerra.	140,8 ⁹	<i>território como vida</i> : espaço habitado como vetor utópico pautado por princípios de igualdade e pluralidade
Observatório do Clima,	O Brasil tem corpo e alma @caetanoveloso no	74,1 ¹⁰	<i>arte como defensora da vida, e renascimento</i> (regeneração)

⁹ Disponível em: <https://twitter.com/MidiaNINJA/status/1501702269930291206> e em <https://www.youtube.com/watch?v=pJncCiyhFp8>. Acesso em: 01 jun. 2022.

¹⁰ Disponível em: <https://twitter.com/obsclima/status/1501671907514626049> e em: <https://www.youtube.com/watch?v=9jdeJZlqvfc>. Acesso em: 01 jun. 2022.

@obsclima	#AtoPelaTerra		ecossistêmico como projeto social
Laboratório Fantasma, @lab_fantasma	@emicida @exudoblues e @criolomc no palco do #AtoPelaTerra	65,8 ¹¹	<i>artista</i> : música como vetor transformador dos indivíduos e seus espaços

Fonte: autoria própria

Na esfera religiosa-espiritual observa-se algumas práticas como a fala de Caetano Veloso (2022) no dia do evento Ato pela Terra em Brasília em que ele afirma que o Brasil tem coração e alma. E mais, nessa hibridização arte-religião, o cantor e compositor musical Baco Exu do Blues¹² traz referências das religiões de matriz africana para o cenário político. E “O Fiscal do Ibama” fala que há “um sopro de esperança, uma semente”¹³, o que remete às implicações religiosas como as associadas à fé e à redenção.

Outro elemento foi a questão da próxima geração no nexos com a formulação de novos horizontes utópicos, identificado na fala da diretora executiva do Greenpeace Brasil, Carol Pasquali: “Só dez por cento dos jovens entre dezesseis e dezessete anos se inscreveram para votar nessa eleição [2022] [...], a juventude precisa dizer o que quer para esse país” (GREENPEACE BRASIL, 2022, n.p.). Desse modo, as noções de esperança, semente e próxima geração convergem para gerar componentes utópicos da coalizão Ato pela Terra e OC.

Na lógica da denúncia e da emancipação da consciência humana Veloso manifesta-se no Ato pela Terra:

O país vive hoje sua maior encruzilhada ambiental. [...] O Senado tem o poder e a responsabilidade de impedir mudanças legislativas irreversíveis que cedendo a interesses localizados [...] comprometem o futuro do país, [...], que o poder legislativo desperte para seu possível papel de levar o Brasil a iluminar o mundo [...] (OC, 2022e).

Entre o possível e o futuro (utópico ou distópico) a disputa por diferentes grupos em coalizão está posta.

O rastreamento da #atopelaterra junto às entidades da coalizão revela uma figura utópica na fala de Cármen Lúcia (STF) sobre o “Pacote da Destruição: o país passa hoje por uma ‘cupinização institucional’, em que as instituições são destruídas por dentro” (CLIMAINFO,

¹¹ Disponível em: https://twitter.com/lab_fantasma/status/1501708780899340288 e em https://twitter.com/lab_fantasma/status/1509184123310649349. Acesso em: 01 jun. 2022.

¹² O cantor e compositor consta na arte gráfica oficial do evento-crítica e com isso remete ao amálgama arte e religião no nexos político da questão climática.

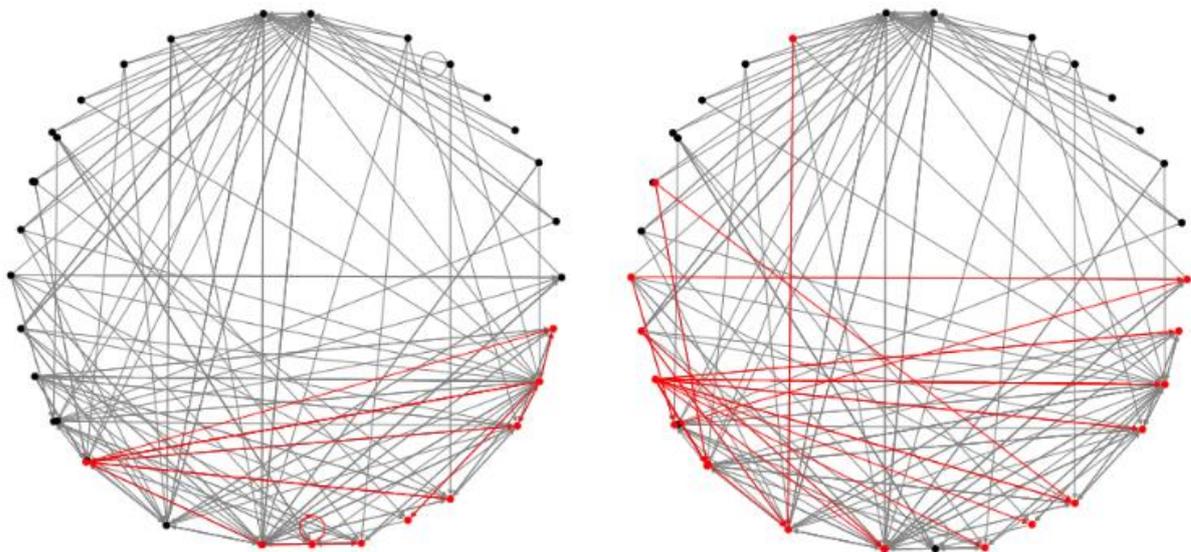
¹³ Disponível em: <https://twitter.com/fiscaldoibama/status/1501744982100791298>. Acesso em: 01 jun. 2022.



2022, grifo no original). A coalizão Ato pela Terra se encontrou com representantes do Senado Federal e do Supremo Tribunal Federal (STF).

Após três meses do evento, os agentes do movimento Ato pela Terra ainda se encontram ativos em 161 ‘vértices de contato’ (NodeXL Pro) entre contas relacionadas à *hashtag* #atopelaterra (das 202 ativas do movimento em todo o período analisado, de 01 de março de 2022 até 30 de junho de 2022). Ao comparar dois momentos (figura 4), entre março e junho de 2022, a rede de comunicação se mostrou mais ativa após três meses (junho de 2022) do mês do evento festa (março de 2022).

Figura 4 – Rede de comunicação das contas (Twitter) do Observatório do Clima e parceiros pelo Ato pela Terra no nexa da #atopelaterra em dois tempos: (1, à esquerda) março de 2022 e (2, à direita) junho de 2022



Fonte: base de dados do autor. [NodeXL Pro, #atopelaterra; período: entre 01 de março de 2022 e 30 de junho de 2022; tweets < 18.000; seguidores < 1.000]

O principal ponto nodal em destaque (destino das mensagens do Ato pela Terra) é a menção ao Senado Federal (@SenadoFederal) e o segundo nó mais acionado pelas postagens é a do presidente do Senado Rodrigo Pacheco (@RodrigoPacheco). A *hashtag* “#PachecoVocêPrometeu” é observada em conjunto com a *hashtag* “#atopelaterra”.

Discussão: arte, religião e IA em simbiose transformativa à luz da utopia crítica climática

Cena 1: arte além da crítica denunciatória: artista de coalizão, arte como vida e açai guardiã

A primeira figura utópica identificada é a da ‘artista de coalizão climática’. A análise do evento-movimento Ato pela Terra revela uma figura utópica nitidamente identificada: artista crítica individualizada (FOWKES; FOWKES, 2022). Mas há algo além dessa figura, pois essa remete ao ativismo usualmente performado por um artista individualizado. Essa figura primária, a artista crítica individualizada, é catalisada em um arranjo social coletivo de grande porte, no caso o Ato pela Terra de 09 de março de 2022 que utiliza o Pacote da Destruição (OC, 2022c) como mote para a articulação da coalizão contra a destruição do meio ambiente e a favor da defesa da vida. A coalizão de artistas de distintas áreas de atuação — de música a cinema e de literatura a artes gráficas — pode ser entendida como um tipo de configuração de ‘ativismo de coalizão’ que nos espaços de formulação de políticas climáticas no Brasil recente é inédita. Ao criar ondas de conteúdos e vasta capilarização — lastreado pelo alto número de organizações participantes na coalizão do Ato pela Terra (mais de 230), pelo alto número de visualizações das postagens realizadas pelos membros da coalizão (tabela 1), além do alto número de seguidores¹⁴ de artistas renomados no Brasil (*por exemplo*, Caetano Veloso, Emicida, Maria Gadú, Daniela Mercury e outras) — há um esforço transformativo que se aproxima do caráter mais reacionário (WRIGHT, 2010) do que reformista. Essa figura também remete uma configuração cara ao socialismo crítico: o coletivismo dogmático (BOSANQUET, 1897). O ativismo de coalizão pode ser assim entendido como dinamizado por uma coalizão interartística disruptiva figurada pela primeira figura utópica aqui identificada: artista de coalizão climática.

A segunda figura utópica é a arte como defensora da vida (tabela 1). A produção artística gerada para o evento possui uma força mobilizadora que busca fomentar no imaginário dos indivíduos e grupos novos horizontes utópicos para além das distopias neoextrativismo como se observam nas imagens da figura 2 (ambas do quadrante superior e a inferior à direita). Imagens associadas à destruição de um ecossistema com instrumentos como motosserra, draga, trator, escavadeira e caminhão de um sítio em situação de mineração revelam mais do que destruição física, buscam expor uma destruição da esperança.

Configurações quando associadas a ordenamentos destrutivos e pautadas por cenários utópicos tecnológicos (URRY, 2016) disfuncionais podem ser denominadas como distopias

¹⁴ Esses artistas possuem mais de 1 milhão de seguidores cada um.

tecnocentradas. As denúncias tecnológicas denunciadas na figura 2 (nas duas imagens superior e na inferior à direita) são exemplos dessas distopias. Já artes gráficas com imagens mostrando o convívio entre seres humanos e animais (arara em voo) como observado na figura 2 (imagem inferior à esquerda) pode ser entendida como uma utopia, porém uma utopia presente e já existente que está sendo pressionada e levada à destruição pelas distopias tecnoeconomicistas de um neoliberalismo extrativista.

A terceira figura utópica é a açai guardiã. Essa figura é revelada¹⁵ pela liderança artística do Ato pela Terra, Caetano Veloso (2022) ao mencionar uma “profecia” que Djavan fez ao cunhar “aquela expressão ‘açai guardiã’, com açai no feminino ainda por cima”. O cantor-ativista argumenta ainda que ‘açai é um sinal delicado do que pode ser uma produtividade amazônica, que dê emprego, que traga dinheiro para o Brasil e que possa estar em harmonia com que hoje já é o agronegócio’. Essa figura se alinha às críticas do ecofeminismo e da ecologia política que visibilizam a tensão da dicotomia sociedade-natureza (LEFF, 2021). A diferença tecnológica entre a extração de subsistência de frutos originários das florestas tropicais e a extração intensiva e extensiva é brutal. A diferença é entre a convivência com a natureza e a barbárie. Os efeitos sociais e ecológicos de cada processo são extremamente antagônicos. Aqui a dicotomia sociedade-natureza é exposta pela figura feminina da açai guardiã - movimento que foi liderado por Paula Lavigne (OC, 2022e) e todas presentes no Ato pela Terra - à favor da vida.

Ao contrário do que foi identificado nas constelações neoliberais de configuração neofacista partidária na figura do masculino militarista (EL-OJEILI, 2018), a figura do feminino empoderado do evento-coalizão Ato pela Terra revela que nos interstícios do poder dominante (WRIGHT, 2010) - em antagonismo à figura do masculino militarista que permeia a recente cena política brasileira no poder - há espaços de fomento à crítica e à reflexão com potencial transformativo efetivo. Enquanto a açai guardiã é associada ao tipo de extração orgânica da vida sustentável, o masculino militarista é a imagem do neoextrativismo em todas as suas práticas destrutivas da vida: do agronegócio de agrotóxicos e organismos geneticamente modificados ao garimpo ilegal até as práticas de mineração intensivas.

Essas coalizões de grande porte nos espaços de formulação de políticas climáticas no Brasil, como o Ato pela Terra e as práticas do Observatório do Clima (OC), dinamizadas por figuras utópicas emergentes podem mover algumas engrenagens ecogeopolíticas. As ações

¹⁵ Além da figura da açai guardiã, se nota a relação direta com a esfera religiosa e a relação entre passado, presente e futuro (profecia). Disponível em: <https://twitter.com/caetanoveloso/status/1504472571521036292>. Acesso em: 01 jun. 2022.



pragmáticas do OC e do Ato pela Terra demonstram de modo consistente um ‘coletivismo dogmático’ (BOSANQUET, 1897) mas que tem os efeitos apocalípticos do clima como vetor orientativo destas práticas no presente. Esse deslocamento dá sinais de ser composto por sensibilidades mais femininas de características ideológicas sociais do ‘cuidado do outro’. Talvez não sejam engrenagens duras que esses agentes (artistas em coalizão) estejam a perceber o mundo, mas elementos configurados por estruturas orgânicas, fluídas e rizomáticas, na perspectiva deleuze-guattariana, ecoartístico-políticas que estão sendo performadas por figuras utópicas emergentes: a artista de coalizão climática, a arte como defensora da vida e a açai guardiã configuradas pelo coletivismo dogmático climático.

Cena 2: religião além do sopro de esperança: espírito da floresta, território como vida e o inter-religiosismo climático

Esta cena busca apresentar sensibilidades inter-religiosas nos espaços de formulação de políticas climáticas no Brasil, componentes de distintas matrizes religiosas e espirituais (de raiz adâmica, matriz africana e espiritualidades dos povos originários) passam a fomentar novas configurações ao mobilizarem figuras utópicas em coalizão.

O Observatório do Clima (OC) aponta que “os povos indígenas são citados nada menos do que 12 vezes no Sumário Executivo do Grupo 3 do AR6 – SPM” (OC, 2022b, p. 4). Isso denota uma abertura de espaço para o fomento de novas epistemologias que podem gerar algumas novas sementes nas rígidas estruturas e engrenagens ecogeopolíticas dominantes. O ‘princípio esperança’ (BLOCH, 1995) em posição antagônica à ‘multitude de medos’ mobilizada pelas configurações neoliberais (EL-OJEILI, 2018) é na perspectiva utópica acionado nos conteúdos associados ao Ato pela Terra e às práticas do OC. Essa observação nas práticas do OC é acompanhada na empiria com a coalizão de suas entidades-membro que tem a religião como elemento ideológico-utópico (por exemplo, CEC, CONIC, IRU, REPAM, RIM)¹⁶ e as organizações de filiação indígena (por exemplo, APIB, INA, MJIR, OPIAC, CIMI)¹⁷.

Uma prática do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) é uma demonstração desse entrelaçamento ecoteoclimático artístico. O CIMI, que tem 50 anos de existência, apresenta a arte gráfica¹⁸ com o seguinte mote: “memória, resistência, mística e utopia a serviço da vida

¹⁶ Coalizão Evangélicos pelo Clima (CEC), Conselho Nacional De Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC), Iniciativa das Religiões Unidas (IRU), Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM), Rede Igrejas e Mineração (RIM).

¹⁷ Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), Indigenistas Associados (INA), Movimento da Juventude Indígena de Rondônia (MJIR), Organização dos Professores Indígenas do Acre (OPIAC), Conselho Indigenista Missionário (CIMI).

¹⁸ Arte disponível em: <https://twitter.com/ciminacional>. Acesso em: 01 jun. 2022.



dos povos indígenas” como imagem principal da sua conta no Twitter. Essa simbiose ecorreligiosa ganha outras camadas. Ao agregar a camada estética configurada e catalisada pelo ativismo (como a imagem da conta no Twitter do CIMI), os conteúdos ecorreligiosos passam a navegar nos processos de subjetivação¹⁹ dos indivíduos e grupos por meio dos canais digitais - sem entrar no mérito da manipulação e modulação das subjetividades por meio das redes digitais (SOUZA; AVELINO; SILVEIRA, 2018) - que não só são hibridizados mas também se fundem ao imaginário ecorreligioso. Criam dessa forma uma nova figura em coalizão: arte, IA e religião e passam a transitar de modo conjunto como uma unidade simbólica unificada, ainda que busquem fugir na imagem quimérica e dos limites paradoxais que existem entre o pluralismo identitário dos povos originários e a missão evangelizadora.

A Iniciativa das Religiões Unidas (IRU) também busca quebrar paradigmas ao promover - como horizonte utópico - o respeito às distintas religiões de distintas espiritualidades, de matriz africana até asiáticas e povos originários de diferentes territórios do planeta (FREITAS; COSTA, 2019). Além dos efeitos primários da promoção de respeito e encontro de pontos comuns na intraesfera da experiência humana da dimensão religioso, oriundo dos arranjos inter-religiosos, como a IRU, e também de modo similar o CIMI, há efeitos na perspectiva das interesferas de experiência humana como a simbiose aqui pesquisada entre arte, IA e religião. Para além do respeito inter-religioso há uma figura de característica egoísta que é figura da legitimação e conservação identitária de cada religião (BERRY, 2019).

As religiões entenderam que o agir coletivo na temática sobre as mudanças climáticas, que é essencialmente científica, produz benefícios sociais e políticos para cada religião individualmente (BERRY, 2019). Esse movimento eco inter-religioso se encaixa também na configuração de um coletivismo dogmático climático. A coalizão para o Ato pela Terra a partir do Observatório do Clima (figura 3) demonstra como o coletivismo faz diferença ao tipo de acesso às estruturas de poder, como ao Senado Federal.

A simbiose interesferas da experiência humana extrapola o sincretismo tensionado do espaço inter-religioso e avança para um espaço de horizonte utópico em formação com outras esferas, ainda em estado seminal nos espaços de formulação de políticas climáticas brasileiras, fortalecendo uma figura utópico do inter-religioso climático.

Quando se é analisado as práticas integradas do OC e das entidades que a compõem (por exemplo, CIMI e IRU) – dinamizadas no contexto do Ato pela Terra — se nota essa configuração do tipo pluralismo inter-religioso (BERRY, 2019) que de um lado reforçam a

¹⁹ Esses processos podem ser entendidos como os processos de ideologização ou processos de utopias críticas de indivíduos e grupos.



questão identitária de cada organização religiosa e de outro posicionam a coalizão inter-religiosa nos espaços de formulação das políticas climáticas brasileiras.

Outra camada dessa configuração é o nexos entre as figuras da arte como defensora da vida e do território como vida (tabela 1). Ambas remetem à noção do nascer e renascer como ação inerente da vida *per se*. Porém, quando há a destruição e esse processo é finalizado se instala a necessidade de um renascimento. O renascimento é uma noção cara à esfera religiosa, principalmente na perspectiva utópica (LÖWY, 2020). A figura utópica do renascimento de ecossistemas (tabela 1) está associada à utopia da redenção pós-catástrofe de tem lastro religioso. Esta figura potencializa a ação política do contexto climático brasileiro e mantém a identidade de grupo e os quadros ideológicos-utópicos mais estáveis.

As figuras da regeneração das florestas e do ressurgimento da vida de não humanos estão ancoradas nesse tipo de horizonte utópico que busca fomentar uma reconstrução ou construção de um novo território (da vida) no tempo presente diante de um passado-presente apocalíptico. Nessa linha utópica, o ativismo de coalizão lastreado pelos efeitos da emergência climática, se configura como um locus utópico orientado para uma transformação social das estruturas dominantes. Transformação esta que é fomentada por uma figura antagonista: a cupinização institucional. Aqui há a destruição de algumas estruturas sociais cristalizadas no contexto brasileiro, mas há também a criação de espaços para reformas (que são demandas pelas coalizões do OC e Ato pela Terra) mais reacionárias uma vez que as formas orgânicas reformistas por dentro das estruturas formais ameaçam a dissolução de alguns quadros ideológicos-utópicos, como a secularização fomentada pela tecnológica.

Na esfera religiosa aqui analisada estão sendo configuradas por figuras utópicas emergentes na perspectiva climática brasileira: o espírito da floresta em convergência com as sementes da esperança de outras religiões lastreadas por uma figura egoísta da legitimação e conservação teoidentitária individual. E essas figuras em um movimento rumo a um horizonte utópico: o inter-religiosismo climático em coalizão com outras esferas de distintas sensibilidades.

Cena 3: inteligência artificial entre utopias e distopias ‘ipccianas’

A aparente situação de insignificância das práticas de inteligência artificial (IA) no SPM 2022 é uma ilusão de ótica, pois no “Documento Final do AR6 WGIII” (IPCC, 2022a) os moldes utópicos do IPCC²⁰ são baseados nos enquadramentos de projeções, cenários e

²⁰ Os atuais modelos científicos integrantes no documento final do AR6 são produzidos por softwares de IAs (por exemplo, da rede científica internacional *Analysis, Integration, and Modeling of the Earth System* — AIMES).



extrapolações (URRY, 2016). Esses moldes de caráter projecionista (em geral, de futuros distópicos) são a base fundante das análises científicas sobre os estudos das causas possíveis e efeitos já observados no presente e os projetos para o futuro²¹ sobre as mudanças climáticas de origem antrópica.

O Observatório do Clima (OC) traz a pauta da justiça climática como vetor transformador (OC, 2022a) assim como o IPCC introduz a pauta da ética climática em suas análises no que tange às formulações de políticas climáticas. Ainda assim, a intensificação do uso da IA como agente ordenador de sistemas produtivos mais eficiente energeticamente é colocado como um vetor fundamental para as políticas de adaptação climática (IPCC, 2022b). Esse argumento quando associado à função da IA como projetista social artificial e detentor de agência para tomada de decisões autônomas no que tange ao reordenamento social humano (BENANTI, 2019) remete a uma figura utópica promissora em relação à sua função social e reformista estrutural orientada à redução das iniquidades sociais e ecológicas simultaneamente. Os cientistas como figuras portadoras da semente da esperança mobilizam as benesses da IA como vetores formuladores de novos horizontes utópicos.

No Brasil, uma análise recente revelou que princípios antropocêntricos pautados por horizontes utópicos tecnossalvionistas de lógica estritamente econômica ainda são majoritários nos espaços de formulação de políticas de mudanças climáticas brasileiras (SALMI, 2022). Nessa linha, quais grupos têm capacidade e recursos para pautar, modular e orientar os emergentes projetistas sociais artificiais?

As produções gráficas para o Ato da Terra, em especial àquelas relacionadas à IA, como a imagem de um drone autoguiado sobre uma plantação (figura 2), mostram como o papel da IA deve ser discutido e incluído como um sujeito com agência dentro dos processos de transformação, reprodução ou mesmo aumento das iniquidades sociais e ecológicas presentes e futuras. O que o conjunto de artes gráficas produzidas para o Ato pela Terra faz é lançar luz no dilema entre a agência ou não das IAs e seus efeitos nos reordenamentos sociais humanos. Se há a figura utópica do projetista social artificial, também surge nas artes gráficas (drone autônomo da figura 2) o temor de um executor artificial (IA) da ordem social projetada artificialmente (por outro tipo de IA, porém ambos com agência sobre humanos) e consequentemente uma automatização e alienação coletivizada de modo extensivo do ordenamento social e ecológico.

²¹ As modelações produzidas pelas IAs no Relatório Final AR6 WGII projetam cenários e extrapolações em três temporais distintas: de curto prazo (até 2030), de médio prazo (< 2050) e de longo prazo (< 2100) (IPCC, 2022a).



Ao entrar no cenário climático, as IAs com capacidade autônoma de: projetar cenários (URRY, 2016), modular comunicações com efeitos nas subjetivações e ordenamentos sociais (SOUZA; AVELINO; SILVEIRA, 2018), executar projetos mais eficientes (além das implicações morais dessas práticas (BENANTI, 2019) e influenciar os ordenamentos e estruturas sociais vigentes, esses agentes não humanas, as IAs, são vetores potenciais de transformação social efetivos que já estão em processo de simbiose nos espaços de formulação de políticas climáticas brasileiras.

Apesar do aparente não agenciamento das IAs nos espaços de formulação de políticas climáticas brasileiras (devido as citações rarefeitas no SPM²²), essa figura utópica, o projetista social artificial opera como um alicerce para todos os demais agentes sociais. Esses agentes passam a construir seus discursos com base nos diversos moldes utópicos e distópicos produzidos pelas IAs, e ratificados por cientistas, com o objetivo de suplantar o medo de um cenário utópico apocalíptico e semear elementos utópicos pautados no princípio esperança. A coalizão entre as diferentes esferas da experiência humana é um fenômeno que se observa neste espaço de formulação de políticas de mudanças climáticas no Brasil com práticas emergentes e em convergência.

Uma nova fronteira se aproxima: é o espaço de convivência tensionada ou barbárie entre diferentes agências, em especial as humanas e as não humanas tecnológicas, aqui em foco as IAs.

Cena 4: arte, IA e religião em coalizão nos espaços de formulação de políticas climáticas brasileiras

O caminho crucial para enfrentar esse problema [emergência climática] é incluir na produção da política climática, e nos debates relativos a ela, a interseccionalidade de elementos [...] que gerem suscetibilidades distintas (OC, 2022a, p. 52).

A separação em três cenas analíticas é apenas uma estratégia metodológica para revelar os elementos utópicos de cada esfera: arte, IA e religião para que em seguida seja possível compreender as configurações utópicas resultantes. Nesta última cena se nota nitidamente a hibridização desses elementos. A interdependência entre as esferas pode ser mais bem observada e compreendida. Essas novas configurações utópicas passam a coexistir os espaços

²² O Sumário para Formuladores de Políticas (SPM AR6 WGIII) é um documento síntese de 64 páginas e é de caráter político. Já o Relatório Final (*Full Report*) do AR6 WGIII possui 2.913 páginas. As citações sobre IA no *Full Report* são mais densas, mas não são fruto do recorte deste trabalho.



de formulação de políticas climáticas brasileiros junto aos já identificados contramovimentos negacionistas climáticos.

As práticas do Observatório do Clima (OC) e do Ato pela Terra demonstram que há uma disputa pela criação de novos quadros e horizontes utópicos por meio da fomentação de novas figuras e configurações. Essas últimas pautadas na força social do encontro entre distintas suscetibilidades que tem potencial de produzir novas subjetivações coletivas nos imaginários dos indivíduos e grupos envolvidos.

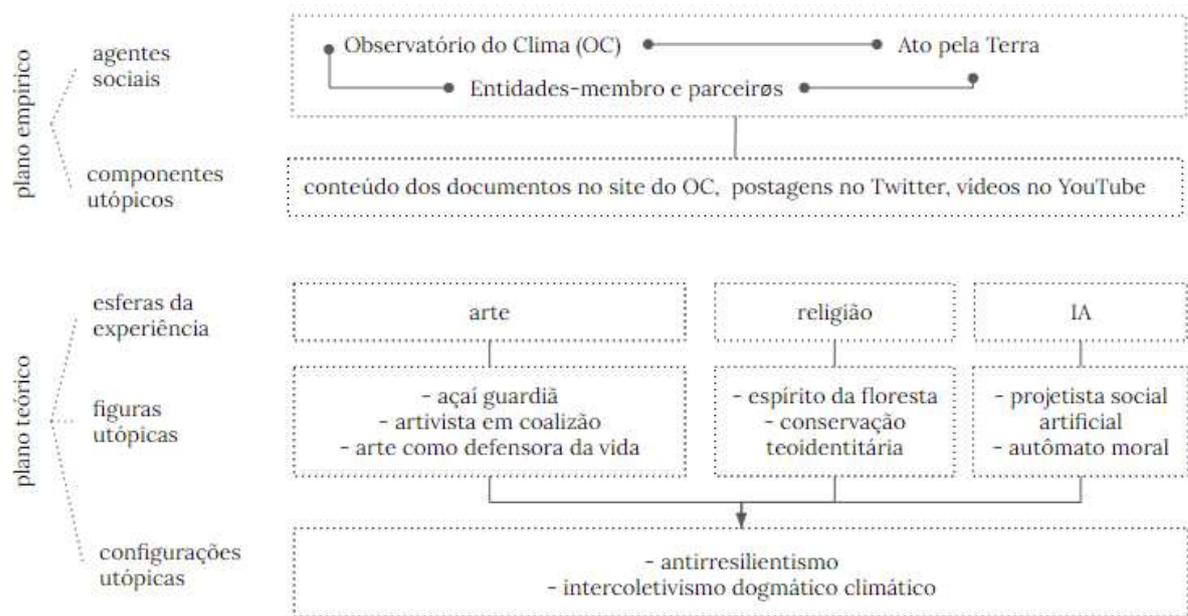
As práticas antes, durante e após o evento Ato pela Terra revelam um tipo de estratégia simbiótica nos moldes dos ‘processos transformativos revolucionários’ (WRIGHT, 2010) fomentado tanto pelas fragilidades inevitáveis do sistema neoliberal-capitalista quanto pela estratégia de manutenção de uma distopia. Distopia esta que dá margem para insurreições, uma vez que os efeitos das iniquidades sociais também aumentam na linha temporal. Distopia capitalista liberal extrativista que busca de modo incansável a reprodução das iniquidades.

A convergência das figuras utópicas reveladas gera uma configuração de antirresilientismo societário político em contraposição ativa às estruturas dominantes que insistem na produção de narrativas sobre resiliência e aceitação do sofrimento para que as oligarquias neoliberais extrativistas em posição de poder possam continuar a operar sem a resistência das sociedades locais.

Se em cada esfera analisada é observada uma configuração do tipo coletivismo dogmático climático, ao se ampliar o enquadramento analítico para um olhar de interdependência entre esferas, esse coletivismo (observado em cada esfera individualmente) remete a uma configuração interesfera. Nessa perspectiva, um intercoletivismo dogmático climático emerge nos espaços de formulação de políticas climáticas brasileiras de modo minimamente estável e orquestrado pelas organizações participantes.

No quadro 1 é apresentado o conjunto integrado dos elementos revelados em um quadro teórico metodológico na chave da utopia crítica.

Quadro 1 – síntese teórico metodológico da utopia crítica climática do caso OC e Ato pela Terra



Fonte: autoria própria

Pode ser observado (figura 5) como os elementos teóricos da utopia crítica (agentes sociais, componentes utópicos, esferas da experiência da vida, figuras e configurações utópicas; distribuídos em dois planos analíticos: teórico reflexivo e o empírico) são dinamizados e estão interligados a partir desse quadro teórico metodológico empírico.

Aqui é apresentada a consolidação das figuras utópicas (artista de coalizão, arte como vida, açai guardiã, espírito da floresta, legitimação e conservação teidentitária e projetista moral e social artificial; além das figuras complementares: território como vida, regeneração ecossistêmica e cupinização institucional) e configurações utópicas (intercoletivismo dogmático climático e antirresilientismo societário político) reveladas. Mais do que coletivismos dogmáticos de esferas isoladas, o que se revela — ao mobilizar a utopia crítica como método sociológico para analisar os espaços de formulação de políticas climáticas — são configurações de coletivismos interesferas, aqui intercoletivismo dogmático climático alinhado a uma configuração — não de resiliência das sociedades em relação ao modo de ordenamento desigual — de antirresilientismo dogmático.

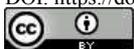
Considerações finais

Compreender as figuras e configurações utópicas oriundas de outras sensibilidades a partir da convergência das práticas observadas nas esferas da arte, da religião e da inteligência artificial nos espaços de formulação de políticas climáticas brasileiras se mostrou um desafio que extrapola as tradicionais fronteiras das ciências. A interseccionalidade e interdisciplinaridade se mostram necessárias para que as coalizões de categorias analíticas e potenciais hibridizações teóricas humanas ajudem a estreitar e dissolver algumas dimensões teóricas e empíricas. Essas dissoluções entre fronteiras e categorias são caminhos que podem fomentar práticas emancipatórias e transformativas de territórios, alterar ordenamentos sociais e as vidas de humanos e não humanos e apontar para quadros ideológicos-utópicos mais dignos e pautados por um futuro inscrito no presente.

Então, como escolher entre a desesperança profunda e a extinção total? Talvez a escolha não esteja em opções pautadas por horizontes distópicos, mas em novas opções utópicas para o presente e dentro de perspectivas que orbitam o realismo crítico, todavia resguardando a atenção pragmática para não cair em horizontes romantizados. As experiências e práticas analisadas revelam que há um sopro da esperança e sementes heterotópicas de outros quadros-horizontes possíveis no ar. As figuras e configurações utópicas identificadas reconhecem essas distintas susceptibilidades.

Em justo antagonismo os contramovimentos dos grupos negacionistas climáticas, o reconhecimento, o respeito e o cuidado em relação ao outro - humanos, não humanos e além de humanos - já podem ser observados e sentidos nos corpos e almas dos envolvidos, e ao menos em partes e ainda que emergente, dos indivíduos e grupos envolvidos na contraofensiva dos espaços políticos brasileiros que discutem a questão climática.

Para além das consequências extraídas, a utopia crítica como método sociológico se demonstrou eficaz tanto em sua função teórica metodológica - bem como a capacidade de apreensão do fenômeno analisado por suas categorias analíticas - quanto em seu papel crítico, função última da teoria social crítica e seu próprio horizonte normativo: a emancipação do ser humano para além das suas percepções alienantes e alienadoras que insistem em reproduzir as iniquidades sociais, ecológicas e climáticas que afetam a todos os seres sociais, porém de maneiras bem desiguais.



AGRADECIMENTOS: Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela bolsa de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, W. My Speech To the Graduates. **The New York Times**, [S. l.], p. 3, 1979. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1979/08/10/archives/my-speech-to-the-graduates.html>. Acesso em: 23 maio 2022.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BENANTI, P. **Machinae sapiens: Intelligenzeartificiali e decisioniumane**. Bologna: Marietti 1820, 2019.
- BERRY, E. Climate Change and Global Religious Pluralism. In: BOCK, J.-J.; FAHY, J.; EVERETT, S. (ed.). **Emergent Religious Pluralisms**. Cham: Springer International Publishing, 2019. p. 279–301. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/978-3-030-13811-0>. Acesso em: 23 maio 2022.
- BLOCH, E. **The principle of hope**. 1. ed. Cambridge, USA: MIT Press, 1995.
- BOSANQUET, B. Aspects of the social problem: A reply. **The International Journal of Ethics**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 226–229, 1897.
- BRULLE, R. J. Networks of opposition: A structural analysis of US climate change countermovement coalitions 1989–2015. **Sociological Inquiry**, [S. l.], v. 91, n. 3, p. 603-624, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1111/soin.12333>
- CLIMAINFO. **Vai entrar para os anais do direito a expressão usada por Cármen Lúcia...** Twitter, 30 mar. 2022. Disponível em: <https://twitter.com/ClimaInfoNews/status/1509309199217569796>. Acesso em: 30 maio 2022.
- EL-OJEILI, C. Reflecting on Post-Fascism: Utopia and Fear. **Critical Sociology**, [S. l.], v. 45, n. 7–8, p. 1149–1166, 2018. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0896920518768867>. Acesso em: 23 jun. 2022.
- EL-OJEILI, C. **The Utopian Constellation: Future-Oriented Social and Political Thought Today**. Cham: Springer International Publishing, 2020.
- ELLIOTT, A. **The Culture of AI: Everyday Life and the Digital Revolution**. 1. ed. Londres; Nova Iorque: Routledge, 2019.
- FOWKES, M.; FOWKES, R. **Art and Climate Change**. Nova Iorque: Thames & Hudson, 2022.
- FREITAS, E.; COSTA, R. Quebrando paradigmas: o impacto de uma parceria entre uma instituição católica e uma comunidade batista tradicional em favor da vida humana.



ESPAÇOS - Revista de Teologia e Cultura, [S. l.], v. 25, n. 1 e 2, p. 77–90, 2019.

Disponível em: <https://espacos.itespteologia.com.br/espacos/article/view/54>. Acesso em: 10 jun. 2022.

GREENPEACE BRASIL. **O #PacoteDaDestruição não vai passar!** Twitter, 09 mar. 2022.

Disponível em: <https://twitter.com/GreenpeaceBR/status/1501637689434587142>. Acesso em: 30 maio 2022.

GUZZO, M.; TADDEI, R. Experiência estética e Antropoceno: políticas do comum para os fins de mundo. **Desigualdade e Diversidade, D&D**, [s. l.], v. 17, n. 17, p. 72–88, 2019.

Disponível em: [http://www.maxwell.vrac.puc-](http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=46021@1)

[rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=46021@1](http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=46021@1). Acesso em: 23 maio 2022.

Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC). **Sixth Assessment Report, Working Group III (AR6 WGIII)**. Intergovernmental Panel on Climate Change, 2022a. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/sixth-assessment-report-working-group-3/>. Acesso em: 23 maio 2022.

Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC). **Summary for Policymakers (SPM): AR6 WGIII**, 2022b. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/sixth-assessment-report-working-group-3/>. Acesso em: 23 maio 2022.

Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC). **Summary for Policymakers (SPM): AR6 WGIII**, 2022b. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/sixth-assessment-report-working-group-3/>. Acesso em: 23 maio 2022.

Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC). **Summary for Policymakers (SPM): AR6 WGIII**, 2022b. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/sixth-assessment-report-working-group-3/>. Acesso em: 23 maio 2022.

INTERNACIONAL CONVIVALISTA. **Segundo Manifesto Convivalista**. Rio de Janeiro: Ateliê das Humanidades, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1525/001c.12721>

JUNKER, Y. A. Decolonizing Landscapes: Artistic Activism and Eco-Religious Imagination.

In: SHERMA, R. D.; BILIMORIA, P. (org.). **Religion and Sustainability: Interreligious Resources, Interdisciplinary Responses**. Cham: Springer International Publishing, 2022.

Disponível em: <https://link.springer.com/10.1007/978-3-030-79301-2>. Acesso em: 23 jun. 2022.

LEFF, H. **Ecologia política: da desconstrução do capital à territorialização da vida**.

Campinas: Ed. da Unicamp, 2021.

LEVITAS, R. **Utopia as Method**. London: PalgraveMacmillan UK, 2013.

LÖWY, M. **Redenção e Utopia**. São Paulo: Perspectiva, 2020.

OBSERVATÓRIO DO CLIMA (OC). **Brasil 2045**. Construindo uma potência ambiental.

Volume 1 — Propostas para a Política Ambiental Brasileira em 2023–2024. Observatório do Clima, 2022a. Disponível em: <https://www.oc.eco.br/publicacoes/>. Acesso em: 23 maio 2022.

OBSERVATÓRIO DO CLIMA (OC). **21 recados fundamentais do novo relatório do IPCC**.

Observatório do Clima, 2022b. Disponível em: <https://www.oc.eco.br/publicacoes/>. Acesso em: 23 maio 2022.

OBSERVATÓRIO DO CLIMA (OC). **Pacote da destruição: o que dizem os projetos de lei em pauta**. 2022c. Disponível em: <https://www.oc.eco.br/wp-content/uploads/2022/03/Combo-da-morte.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2022.

OBSERVATÓRIO DO CLIMA (OC). **Pacote da destruição: o que dizem os projetos de lei em pauta**. 2022c. Disponível em: <https://www.oc.eco.br/wp-content/uploads/2022/03/Combo-da-morte.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2022.



OBSERVATÓRIO DO CLIMA (OC). **Publicações**. 2022d. Disponível em <https://www.oc.eco.br/publicacoes/>. Acesso em: 15 jun. 2022.

OBSERVATÓRIO DO CLIMA (OC). **Ato Pela Terra reúne artistas e movimentos em defesa do meio ambiente**. 2022e. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9jdeJZlqvfc>. Acesso em: 01 jun. 2022.

OTTO, I. M. *et al.* Social tipping dynamics for stabilizing Earth's climate by 2050. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, [s. l.], v. 117, n. 5, p.2354–2365, 2020. Disponível em: <https://pnas.org/doi/full/10.1073/pnas.1900577117>. Acesso em: 23 maio 2022.

SALMI, F. **Horizontes utópicos em disputa**: ética socioclimática e práticas socioecológicas no contexto dos instrumentos climáticos brasileiros. 2022. 204 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/239845>. Acesso em: 23 maio 2022.

SALMI, F.; FLEURY, L. C. Mudanças climáticas e Ciências Sociais: análise bibliométrica do campo (2011-2021). **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, [s. l.], v. 1, n. 97, p. 1–19, 2022. Disponível em <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/574>. Acesso em: 28 jun. 2022.

SOUZA, J.; AVELINO, R.; SILVEIRA, S. A. (org.). **A sociedade do controle**: manipulação e modulação nas redes digitais. São Paulo: Hedra, 2018.

STAHL, T. Georg [György] Lukács. *In*: STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY. [S. l.]: **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**, 2018. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/cgi-bin/encyclopedia/archinfo.cgi?entry=lukacs>. Acesso em: 28 maio 2022.

SUVIN, D. **In Leviathan's Belly**: Essays for a Counter-Revolutionary Time. s.l.: The Borgo Press, 2012. E-book. Disponível em: www.wildsidebooks.com. Acesso em: 28 maio 2022.

URRY, J. **Whatisthe future?** Cambridge, UK; Malden, USA: Polity Press, 2016.

VELOSO, C. **Um trecho do meu discurso de ontem...** Twitter, 10 mar. 2022. Disponível em: <https://twitter.com/caetanoveloso/status/1501919602179203072>. Acesso em: 28 maio 2022.

VINHAS, O.; SAINZ, N.; RECUERO, R. Antagonismos discursivos nas hashtags #marqueteirosdojair e #bolsolão no Twitter nas eleições de 2018 no Brasil: contribuições da análise de redes sociais à sociologia digital. **Estudos de Sociologia**, [s. l.], v. 25, n. 48, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/13433>. Acesso em: 28 maio 2022.

WRIGHT, E. O. **Envisioning Real Utopias**. Londres: Verso, 2010.



Como referenciar este artigo

SALMI, Frederico. Utopias climáticas: Observatório do Clima e Ato pela Terra. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 27, n. 00, e022031, 2022. e-ISSN: 1982-4718. DOI: <https://doi.org/10.52780/res.v27i00.16896>

Submetido em: 09/05/2022

Revisões requeridas em: 12/06/2022

Aprovado em: 15/07/2022

Publicado em: 21/12/2022

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.
Revisão, formatação, normalização e tradução.

